

## **A COMUNIDADE ARTESÃ DO ALTO DO MOURA NO SÉCULO 21: tensões emergentes em um espaço social local em transformação<sup>1</sup>**

### ***THE ARTISAN COMMUNITY OF ALTO DO MOURA IN THE 21ST CENTURY: emerging tensions in a local social space in transformation***

---

Marcio Sá\*

Denise Clementino de Souza\*\*

Jessica Rani Ferreira de Sousa\*\*\*

Bárbara Tayná Leal\*\*\*\*

#### **Resumo**

Este trabalho teve como objetivo caracterizar as tensões disposicionais emergentes entre membros-proprietários(as) de negócios na comunidade artesã do Alto do Moura, Pernambuco, neste século 21. Nesse sentido, são recuperadas discussões acerca dos conceitos de território, urbanização e espaço social na literatura nacional e internacional, que permitiram situar as tensões emergentes na comunidade enquanto um espaço social local em transformação. Apoiando-se na noção de tensão disposicional (Bourdieu) como instrumento teórico e metodológico, a pesquisa foi norteadada por uma abordagem epistêmica construtivista e utilizou como instrumentos para o trabalho de campo entrevistas semiestruturadas, notas de campo e grupos focais. As principais tensões disposicionais analisadas foram referentes às novas paisagens, vizinhanças e à insegurança comunitária, associadas aos conjuntos habitacionais mais recentes e a seus novos moradores, e à concorrência exacerbada e ao fator classe na aceitação social, relativos às mudanças no padrão de relacionamento comunitário.

**Palavras-chave:** Comunidade artesã. Alto do Moura. Espaço social local. Tensões disposicionais emergentes.

#### **Abstract**

This work aimed to characterize emerging dispositional tensions between business-owner members in the artisan community of Alto do Moura-PE in the 21st century. In this sense, discussions about the concepts of territory, urbanization and social space in the national and international literature are recovered, which have allowed us to situate the emerging tensions in the community as a local social space in transformation. Relying on the notion of dispositional tension (Bourdieu) as a theoretical and methodological instrument, the research was guided by a constructivist epistemic approach and used as field instruments semi-structured interviews, field notes and focus groups. The main dispositional tensions analyzed were related to the new landscapes, neighborhoods and community insecurity, associated to the most recent housing developments and their new residents, and to the exacerbated competition and the class factor in social acceptance related to changes in the pattern of community relations.

**Keywords:** Artisan community. Alto do Moura. Social local space. Emergent dispositional tensions.

---

<sup>1</sup> Registramos nosso agradecimento à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe) pelo apoio à realização da pesquisa. Também registramos nosso agradecimento a Shirley Kevilen da Silva e Tatiane Florêncio de Lima Silva pela colaboração em versões anteriores deste trabalho.

\*Professor e pesquisador do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Sociologia pela Universidade do Minho, Portugal. E-mail: marcio.sa@academico.ufpb.br

\*\*Professora Adjunta do Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA/UFPE/CNPq). Doutora em Administração pela UFPE. E-mail: profadenisesouza@gmail.com

\*\*\* Professora Substituta do Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA/UFPE/CNPq). Mestre em Administração pela UFPE. E-mail: jessica\_rani@hotmail.com

\*\*\*\* Membro do Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA/UFPE/CNPq). Graduada em Administração pela UFPE. E-mail: lealbarbara18@gmail.com

## Introdução

Um mapeamento realizado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio em 2013 apontou que existiam aproximadamente 8,5 milhões de artesãs e artesãos no Brasil. Os registros no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (Sicab) apresentam um pouco mais de 120 mil artesãos cadastrados. Dada a importância de pensar o caráter histórico e contextual que molda as condições nas quais se desenvolve a atividade artesã, vale a pena ressaltar que a produção de artesanato ocorre, tradicionalmente, no âmbito das famílias, como uma forma de suprimento das necessidades das mesmas, em situações, em geral, bastante próximas da autossuficiência. É importante destacar que a atividade se encontra, normalmente, mesclada ao cotidiano familiar, não havendo horários específicos ou separados para a feitura do artesanato, o preparo de alimentos, a realização de tarefas domésticas e o cuidado com os animais e os filhos (BRASIL, 2013; LORÊTO, 2016; ARAÚJO, 2006).

No Alto do Moura (PE), a existência de núcleos marcadamente familiares que se aglomeraram no espaço, como grupos domésticos de produção, constituiu um dos fatores responsáveis por moldar as relações dentre aqueles envolvidos com a atividade (ROCHA, 2014). O convívio com os vizinhos é íntimo, e por muito tempo se costumava deixar portas abertas e entrar na casa do lado sem maiores cerimônias. Muitos membros da comunidade artesã são irmãos, primos, ou amigos de infância, que mantêm laços por toda a vida. A relação de compadrio é forte, o que ainda os vincula e nutre o pertencimento que sentem em relação à comunidade. Por lá se costumava ouvir, “aqui todo mundo se conhece”, ou melhor, conhecia. Essa, dentre outras mudanças de caráter espacial e relacional, vem tensionando a comunidade e o espaço social por ela constituído.

Diante disso, este artigo tem como objetivo caracterizar as tensões disposicionais emergentes entre membros-proprietários(as) de negócios na comunidade artesã do Alto do Moura no século 21. Parte-se do pressuposto de que para compreender devidamente as condições de produção e a comercialização numa comunidade artesã como essa, é necessário problematizar as principais mudanças referentes às dimensões espacial e social que possibilitam e constroem as condições locais de vida e de trabalho.

A noção de tensão disposicional emergente (ou daqui em diante, tensão emergente ou somente tensão) serve para suportar a construção de nosso entendimento sobre o confronto entre a herança coletiva local e as forças contextuais que afetam o individual e o coletivo na extensão de um agrupamento social localizado. Para alcançar o objetivo declarado, o trabalho está estruturado em cinco seções. Logo após esta introdução, apresenta-se um panorama da comunidade diante de um contexto social-produtivo localizado como um “espaço social local” (PEREIRA, 2018; LAFERTÉ, 2014; WACQUANT, 2018) em transformação, a abordagem teórico-epistêmica e a metodologia são apresentadas na terceira seção, as tensões disposicionais emergentes são caracterizadas na quarta e principal seção, por fim, são apresentadas algumas considerações e questões que servem ao seguimento da pesquisa.

### **A comunidade artesã do Alto do Moura como um espaço social local em transformação**

Localizado a sete quilômetros do centro do município de Caruaru (PE), o hoje bairro do Alto do Moura tem suas origens em um povoado rural, localizado nas proximidades do Rio Ipojuca, e que, sob a liderança de Antônio Moura, foi denominado Alto dos Mouras, por volta de 1850. Há relatos de que o trabalho com artesanato em barro precede à colonização portuguesa na região, existindo desde a época em que povos indígenas habitaram aquele território<sup>2</sup>. Posteriormente, o artesanato foi transmitido para a comunidade a partir das “loiceiras”, mulheres que se dedicavam ao artesanato utilitário em barro e tem sido incorporado àquela comunidade como fator de identidade cultural (LIMA, 2001).

A literatura relata que, ao ver sua mãe trabalhando nesse ofício, ainda menino, Vitalino Pereira do Santos (1909-1963) brincava com o barro e dele fazia seu passatempo. Aponta-se que o reconhecido artesão tenha produzido sua primeira peça ainda em 1915, aos seis anos de idade, quando a levou para vender na feira junto às peças da mãe (MELLO, 1995). Mestre Vitalino é visto por muitos como o fundador da arte figurativa em barro do Alto do Moura. Foi com a projeção nacional e o estabelecimento da família Vitalino no Alto do Moura que o lugar se consolidou como vila artesã, principalmente em decorrência das pessoas que se encarregaram de dar continuidade a este legado (ROCHA, 2014).

A produção local artesã se trata de um processo de aprendizagem que se inicia muito cedo no seio de muitas famílias, tendo como base um tipo de saber transmitido de geração a geração e difundido entre vários núcleos domésticos dentro de uma mesma comunidade. As crianças observam e aprendem com os pais: a princípio, como uma brincadeira, modelando figuras iniciais e, progressivamente, aprendendo o ofício de uma forma lúdica, por meio da qual a transmissão e apreensão dos saberes são disseminadas no cotidiano familiar (ARAÚJO, 2006).

O conceito de identidade em Santos (2002), ou seja, o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, indica que o pertencimento a um lugar (e vice-versa), enquanto condição sociocultural partilhada, permite sugerir que as mudanças relacionais e espaciais às quais nos referimos no território do Alto do Moura têm implicações para a identidade da comunidade original que o habita. É importante dizer que, embora a configuração territorial, ou configuração geográfica, tenha uma materialidade própria, sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada por meio da tessitura das relações sociais que constituem o local (SANTOS, 2006). É assim que o território se torna sinônimo de espaço habitado e objeto de análise social.

Por mais peculiar que possa ser uma comunidade artesã como a do Alto do Moura, as transformações (não somente urbanísticas) por lá observadas em pleno século 21 são inerentes à sua condição periférica no mundo, Brasil, região e estado. Ou seja, se por algum tempo,

---

<sup>2</sup> Lima (2001) descreve que, anteriormente ao século XVI, a região que hoje corresponde ao distrito do Alto do Moura integrava um território que teria sido habitado por índios ‘kariris’. Segundo a autora, existem registros que evidenciam que esses índios possuíam como principal atividade a produção artesanal de peças de barro com características utilitárias e decorativas.

localmente se acreditou que o Alto do Moura constituía algo como um “universo à parte”, até mesmo denominado por alguns de “santuário do artesanato”, isso não mais se mostra evidente em sua contemporaneidade.

É importante pontuar que as noções de território e urbanização aqui elencadas foram consideradas como contribuições geográficas pertinentes à compreensão da comunidade artesã do Alto do Moura como um espaço social local, noção esta desenvolvida a partir da pertinência do legado da obra de Pierre Bourdieu para estudos sobre urbanização (BOURDIEU, 2006, 2008, 2018; SAVAGE, 2011; WACQUANT, 2018; PEREIRA, 2005, 2018).

No âmbito da sociologia internacional contemporânea, é possível destacar esforços recentes que exploram possibilidades de uso da abordagem bourdieusiana em estudos dessa natureza. Em trabalho intitulado “A sociologia urbana perdida de Pierre Bourdieu”, Mike Savage (2011, p. 512) sugere que “a teoria social de Pierre Bourdieu retém o potencial para efetivamente reenergizar os estudos urbanos”. Em 2012, Mike Savage e Loïc Wacquant organizaram um seminário na University of York (“Poder simbólico e desigualdade urbana: levando Bourdieu à cidade”), copatrocinado pelo *International Journal of Urban and Regional Research*. Em sua intervenção, posteriormente publicada no referido *Journal*, Wacquant (2018) argumenta a favor da pertinência das elaborações de Bourdieu para estudos sobre cidades e processos de urbanização, recuperando seus trabalhos de juventude sobre poder, espaço e difusão das formas urbanas. Além de tais trabalhos que apontaram para a urbanização como força motriz da transformação social em regiões interioranas de dois contextos nacionais bastante distintos (Argélia de meados do século passado e França da década de 1990), “As estruturas sociais da economia” (BOURDIEU, 2006), que pode ser apontado como “seu último trabalho substancial” (SAVAGE, 2011, p. 516), voltou-se para a questão da construção objetiva e simbólica do mercado de casas na França do final do século passado. Além de uma contribuição para estudos sobre fenômenos relativos aos processos de urbanização, no que se refere às transformações sociais a esses associadas na (re)estruturação de um espaço social e do seu respectivo espaço físico, Bourdieu também apontou para a “necessidade de análises locais” (SAVAGE, 2011, p. 516), entendendo o local como lócus no qual se dá a tensão entre as “forças universalizantes” e a “particularidade local”.

Aos nossos olhos, espaço social é um instrumento teórico que permite ao pesquisador compreender determinada estrutura social por meio da comparação entre as características que diferenciam aqueles agentes que ocupam uma posição em relação aos outros. Neste sentido, “o lugar pode ser definido absolutamente como o ponto do *espaço físico* onde um agente ou uma coisa se encontra situado, tem lugar, existe. Quer dizer, seja como *localização*, seja sob um ponto de vista relacional, como *posição*” (BOURDIEU, 2008, p. 160). Ou seja, para ele:

o espaço habitado (ou apropriado) funciona como uma espécie de **simbolização espontânea do espaço social** [...]. Efetivamente o espaço social se traduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos confusa [...]. A posição de um agente num espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado (BOURDIEU, 2008, p. 160, grifo nosso).

Dentro de tal contexto, Laferté (2014) propõe a noção de espaço social local como um modo de compreensão das estruturas sociais as quais observa nos grupos formados e situados em regiões interioranas, não mais passíveis de serem caracterizados como meramente agrícolas, e que demandam por uma abordagem de pesquisa que se distancie da polarização rural/urbano ou da reprodução dos modelos de estruturas sociais urbanas em meios situados e vinculados ao universo interiorano.

É válido pontuar que o Alto do Moura é um desafio empírico às noções de rural e urbano e, conseqüentemente, aos esforços de estudo sobre as dimensões espaciais e sociais da vida rural ou urbana. Afinal, é uma comunidade que tem sua história vinculada aos povos indígenas e atividades agrícolas, tem um posicionamento geográfico que a manteve significativamente distante do modo de vida urbano mais convencional por décadas, mas que, desde 1980<sup>3</sup>, foi enquadrado pelo ordenamento municipal oficial como bairro, mesmo mantendo uma dinâmica própria e distinta da cidade.

Uma ressalva faz-se necessária antes de seguirmos adiante, neste artigo não há pretensão de reconstruir o espaço social como recomenda Bourdieu, mas a ideia é lançar luz sobre as tensões que se manifestam dentro de um espaço social local como o Alto do Moura. Ou seja, mesmo não (re)construindo as relações sociais do Alto do Moura como espaço social, a noção serve de suporte à identificação de um tensionamento no espaço físico e, ao mesmo tempo, no espaço social local.

### **Abordagem teórico-epistêmica e estratégia metodológica**

A estruturação de todo o trabalho investigativo do qual este artigo toma parte vem sendo norteada pela convicção no construtivismo epistemológico como abordagem/prática pertinente à pesquisa social contemporânea. O que está no cerne do que aqui se entende por tal construtivismo é a condição criadora inerente a este tipo de prática, ou seja, aceita-se que os pesquisadores são responsáveis pela criação – por meio e ao longo de sua atuação reflexiva – daquilo que apresentam como conhecimento.

Há ao menos três aspectos da trajetória e do legado de nossa principal inspiração, a epistemologia consagrada sob a assinatura de Pierre Bourdieu, que precisamos recuperar por serem decisivos à elaboração da noção de “tensão disposicional emergente” que norteia o desenvolvimento deste trabalho: (1) sua experiência original de pesquisa na Argélia de meados do século passado; (2) a importância que consagrou à construção do objeto em sua prática de pesquisa; e (3) a intencionalidade que observava em sua maturidade na noção de *habitus*.

O primeiro aspecto se deve ao entendimento de que há nas origens argelinas da epistemologia bourdieusiana uma atitude construtivista que autoriza novas elaborações de instrumentos teóricos (noções) a partir dos desafios que o trabalho de campo apresenta. A

---

3 Conforme Projeto de Lei n.º 2.910, de 10 de abril de 1980, que englobava o antigo povoado e outras áreas.

condição de vida-trabalho e a estrutura social com a qual se deparou na Argélia demandaram-lhe a criação de critérios e categorias próprias para a compreensão daquele quadro, “o notável é como ele, antes de aplicar um esquema teórico pré-concebido, procede em um sentido indutivo para gerar suas categorias” (BARANGER, 2012, p. 121-122). A manipulação do material de campo resultou principalmente “de um procedimento empírico que, praticamente por ensaio e erro, foi agrupando os entrevistados em categorias internamente homogêneas” (BARANGER, 2012, p. 123). Ou seja, resgatar esta sua experiência original nos permite destacar “como suas inovações conceituais foram guiadas pelas questões práticas da pesquisa de campo” (WACQUANT, 2006, p. 16).

O segundo aspecto surge daquilo que é apontado como seu signo mais distintivo, seu *modus operandi* (WACQUANT, 2006), em particular, a atenção que consagrou ao processo de construção dos seus objetos (BOURDIEU; WACQUANT, 1992); tal processo era por ele considerado ato fundamental à pesquisa (BOURDIEU, 1989). Aos seus olhos,

a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes (BOURDIEU, 1989, p. 20).

Interpretamos a sociologia bourdieusiana como uma linguagem progressivamente elaborada, com seus significados ajustados às novas situações de pesquisa que o próprio Bourdieu enfrentava com suas equipes, por meio da construção de novos objetos.

O terceiro e último aspecto aqui retomado é a intencionalidade explicitada pelo próprio Bourdieu, em sua fase madura, ao olhar em retrospectiva para o que intencionou comunicar com a noção de *habitus*, um instrumento teórico a serviço da sua prática de pesquisa. Para ele, o surgimento e os usos iniciais do termo em suas pesquisas se deram em decorrência de uma “estratégia prática do seu *habitus* científico”, “tendo por função, sobretudo, designar de maneira estenográfica, uma postura teórica, princípio de opções metódicas, tanto negativas como positivas, na condução da pesquisa... a sua força teórica residia precisamente na direção da pesquisa por ela designada” (BOURDIEU, 1989, p. 61-62). Muito embora tenha sido apresentada em “Esboço de uma teoria da prática” (BOURDIEU, 1977), foi em “A Distinção” que teve seu uso consagrado (BOURDIEU, 2007) e, grosso modo, pode ser entendida como um sistema coerente de disposições transponíveis, transferíveis, duradouras e homogêneas na extensão de uma classe social ou fração de classe. O que mais nos importa aqui registrar é que “quando Bourdieu começou a usar o conceito de *habitus*, ele estava procurando por um conceito com o qual pudesse descrever ações estratégicas localizadas” (ROBBINS, 2000, p. 27).

Em termos específicos e relativos à pesquisa da qual este artigo é parte, a condição de vida e trabalho dos membros-proprietários de negócios no Alto do Moura do século 21 se mostrou como um desafio empírico para o qual sentimos a necessidade de promover ressignificações

conceituais no aporte teórico-epistêmico ofertado pela sociologia bourdieusiana, aqui em particular, no sentido da construção das tensões espaciais e relacionais mais recentes que condicionam e possibilitam a atuação de tais personagens como objeto de pesquisa. Afinal, uma característica marcante a esse campo é a relação íntima entre os pesquisados, seus negócios e a comunidade.

Além da localização e ressignificação da noção de espaço social em função de nossos interesses investigativos, a principal noção que elaboramos para nos servir de instrumento teórico – entendido como uma ferramenta que orienta a atitude investigativa, organiza o trabalho de campo e o que se produz por meio dele – pode ser lida como uma ressignificação contextualizada da noção de *habitus*. Enquanto essa tende a destacar o passado incorporado pelos indivíduos que se faz presente nas disposições, propensões e apetências que transparecem no sentido prático de suas ações, a noção de tensão disposicional emergente, conforme já declarado anteriormente, serviu para dar suporte à nossa compreensão sobre o confronto de tal herança com as forças contextuais que interferem no individual e no coletivo na extensão de um agrupamento social localizado, como é o caso da comunidade artesã do Alto do Moura. Herda o caráter heurístico (BOURDIEU; WACQUANT, 1992; SANTORO, 2008) e o núcleo disposicional da sua origem bourdieusiana, porém nos serve para elaborar sobre como as mudanças contextuais (LAHIRE, 2010, 2015) e geracionais (em termos de ocupações, modos de vida, juízos de valores e horizontes de futuro, por exemplo) estão sendo incorporadas por alguns membros daquela comunidade, aqui tratada como um espaço social local em transformação. Tem a condição de instrumento teórico-exploratório, ou seja, serve como uma bússola para seguir adiante com o trabalho de campo, organizando-o em função dos temas que governam nossos interesses investigativos.

De modo associado a tal elaboração teórico-epistêmica, essa pesquisa teve natureza qualitativa e caráter descritivo, pois enfoca a descoberta e análise de fenômenos procurando descrevê-los e interpretá-los de forma detalhada (RICHARDSON, 1989). Para explorar assuntos principalmente relacionados aos temas artesanato, comunidade artesã e Alto do Moura, empreendemos a reunião e a revisão de estudos sobre a localidade caruaruense, bem como sobre questões relacionadas à produção artesanal no Brasil deste século.

Em termos de trabalho de campo, a maior parte se deu ao longo do segundo semestre de 2017 e início de 2018 e possibilitou a elaboração de informações primárias. Foram realizadas 36 entrevistas semiestruturadas até se chegar a um ponto de saturação com os públicos de interesse. Os(as) principais entrevistados(as), artesãos(ãs) proprietários(as) de lojas-oficinas ou membros da comunidade que então possuíam um negócio de outra natureza, foram selecionados(as) em função das diferenças que apresentavam entre si (por exemplo, em termos de traços, se vinculados às famílias mais tradicionais), do tipo e do porte do negócio, da localização do mesmo e da acessibilidade/disponibilidade do(a) proprietário(a) para a interação.

Para nos apoiar na construção de uma visão externa, porém vinculada de algum modo e medida ao universo do público pesquisado, também selecionamos e realizamos entrevistas com pessoas que foram denominadas de formadoras de opinião. Estes foram: dois historiadores locais, atual presidente e ex-presidente do Instituto Histórico de Caruaru (IHC), sendo um deles mestre em arqueologia e com livro publicado sobre o Alto do Moura; o pároco da comunidade há mais de 15 anos, mas que também é professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutor em educação; uma das profissionais de saúde responsáveis pela Unidade de Saúde da Família do bairro, também professora da UFPE e então moradora do bairro; e um ex-membro da diretoria da Associação dos Artesãos em Barro e Moradores do Alto do Moura (Abmam) por mais de um mandato.

Para identificar a fonte de cada um dos trechos utilizamos a seguinte codificação: “ART” - 20 artesãos(ãs)-proprietários(as) de negócios ligados ao artesanato (oficinas ou ateliês); “PRO” - 11 proprietários(as) de outros negócios não ligados ao artesanato (mercadinhos, padarias, salão de beleza, lanchonete etc.); “FOR” - 5 formadores(as) de opinião.

Ao longo das entrevistas também foram realizadas observações diretas com notas de campo, grupos focais e outras assistemáticas. É válido ainda registrar que um dos autores seguiu acompanhando e tomando notas das reuniões ordinárias (mensais) da Abmam desde 2015 até dezembro de 2019.

### **Emergência e caracterização das tensões**

Antes da caracterização das tensões inicialmente propostas, ou seja, relacionadas às transformações no espaço social local e às mudanças no padrão de relacionamento comunitário, acreditamos seguir adiante com duas questões: quais dinâmicas e processos sociais originaram tais tensões? Qual nova *doxa*<sup>4</sup> se constituiu a partir do confronto da história coletiva local com as tendências de modernização que se impuseram ao Alto do Moura do século 21?

Quase a totalidade do público pesquisado (ART e PRO) nasceu e cresceu numa localidade que preservou por décadas características semelhantes a um povoado rural. Poucas dezenas de famílias habitaram, antes do último quarto do século passado, casas que se seguiam pela quase única via local. Entretanto a virada de século foi marcante para o devir da comunidade ao explicitar, por exemplo, por meio da disseminação da reprodução das bonecas do tipo baianas em série, a inserção de elementos externos de cariz “modernizante” ao modo de produção artesanal comunitário.

Aquela nova peça e seu modo de produção seriado praticamente possibilitaram a formação de um novo grupo de trabalhadores do barro, os “bonequeiros” ou “montadores de bonecas”. Tais denominações são muitas vezes proferidas com certo distanciamento e demarcação de quem se reconhece como artesão, ou seja, aquele que tem a capacidade de criar suas próprias

---

4 Aqui entendida como uma verdade autoevidente socialmente partilhada.

peças com autonomia. Dessa distinção depreende-se dois aspectos, o primeiro seria um novo modo de hierarquização interna, base das mudanças nos padrões de relacionamento também associadas aos diferentes tipos de novos moradores, o segundo, também associado ao primeiro, setenciando que o Alto do Moura não seria mais como em seu passado recente, afinal, muita gente de fora passou a fazer morada por lá e, assim, possibilitou a mudança na *doxa* de que a localidade se caracterizava como uma comunidade artesã um tanto autóctone e desconectada do mundo contemporâneo, talvez a expressão “santuário do artesanato” sirva bem para sintetizar esta “verdade autoevidente” criada e partilhada localmente.

Já nos anos mais recentes, passou a ser comum escutar depoimentos de moradores afirmando que o Alto do Moura “não é mais o mesmo, mudou muito”, principalmente, após ocorrências criminais. Entre o final de 2016 e o início de 2017, passamos a ver menos vida comunitária nas ruas e calçadas, em particular à noite, portas e janelas fechadas ou mesmo gradeadas com maior recorrência. Além disso, notou-se a construção de casas-prédios de alguns andares, o revestimento de outras com cerâmica, e uma significativa redução nas fachadas originais e de suas portas do tipo “saia e blusa”. Ao mesmo tempo, passou-se a ver maior circulação de públicos não desejados, como os moradores dos novos conjuntos habitacionais populares (do Programa Federal Minha Casa Minha Vida), menos turistas e mais atravessadores.

A noção de tensão disposicional, que pode ser vista como um fio que nos permite interligar os temas (re)elaborados ao longo do trabalho de campo e que tomaram as formas dos tópicos que se seguem, surgiu no processo de investigação teórico-empírica como um modo de enfrentar este devir comunitário singular, em diversos aspectos, e integrado à globalidade em muitos outros. Talvez o desengajamento da nova geração do ofício artesão, rumo a outras atividades mais ou menos qualificadas (a depender do campo de possibilidades que sua condição familiar de partida permite almejar ou mesmo alcançar), e a proliferação de negócios de outra natureza e seus letreiros (isso sem falar naqueles que, ao final da tarde, passam a vender pastéis, espetinhos, bolos etc., no improvisado e na frente de casa, na esperança de complementar a renda familiar) possam materializar uma nova *doxa*: hoje se acredita que para uma família ter um rendimento mensal que a possibilite subsistir, é preciso que parte de seus membros tenham outra atividade que gere renda. Ou seja, esse Alto do Moura não é mais o mesmo em termos do modo de vida, de paisagem urbana, de vizinhança e também do tipo de atividade econômica viável na localidade.

A seguir, o que procuramos elaborar como elemento comum aos nossos pesquisados é o tensionamento íntimo (o drama individual) e coletivo (a trama dos dramas) que transpareceram estar vivenciando naquele espaço social em transformação.

As novas paisagens, vizinhanças e a insegurança comunitária

*A chegada dos novos loteamentos e conjuntos habitacionais* é um acontecimento recente que vem transformando a dinâmica urbana e comunitária local neste século e, em particular, de

modo mais intensificado nos últimos anos, culminando com a entrega de dois grandes conjuntos habitacionais em 2017, gerando considerável crescimento populacional e novas preocupações.

Identifica-se que a região possui cerca de 11 empreendimentos, entre loteamentos e conjuntos residenciais, que estão voltados para diferentes públicos e definem seus ocupantes com base na faixa de renda. Dentre eles, existem três empreendimentos destinados a atender às demandas sociais do município (faixa baixa renda ou situação de risco), que são os conjuntos Barra de Taquara, Luiz Bezerra Torres e Residencial Alto do Moura. Juntos, esses dois últimos, entregues à população em 2017 por meio do programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida, oferecem 3.892 unidades de habitação.

Apesar de estarem habitados desde então, ambos os conjuntos apresentam problemas desencadeados por seu modelo de ocupação. São questões associadas à infraestrutura urbana e déficit no atendimento de serviços públicos, tais como transporte, atendimento médico e educação, o que leva seus moradores a buscar esses serviços nas comunidades mais próximas, sobrecarregando-as. Além disso, está inserido no perímetro geográfico do bairro o Distrito Industrial, que tem crescido nos últimos anos com a instalação de mais unidades fabris.

Muito embora tal quadro não seja novidade nas escalas nacional, regional ou estadual, acreditamos que seja necessário descrevê-lo para ambientar a atual dimensão social do contexto espacial que se impõe àquela comunidade artesã. A proximidade de parcelas específicas desses novos moradores vem fazendo emergir localmente uma demarcação social, já problematizada, acerca de tais modelos habitacionais (CHAMBOREDON; LEMAIRE, 2015). A chegada mais recente de milhares de habitantes para os conjuntos mais populares – e com isso a significativa mudança no volume e no perfil das pessoas, associadas à classificação social de “baixa renda”, circulando no cotidiano do bairro – tem impactado no modo de vida prevalente na comunidade, em particular nos moradores mais antigos e vinculados às famílias artesãs mais conservadoras. É válido mencionar que alguns elementos identificados por Laferté (2014, p. 427), “as relações sociais são interpessoais e não funcionais, e pouco inscritas na divisão do trabalho”, no contexto interiorano francês contemporâneo, são similares a aspectos observados no Alto do Moura.

Retomando o conceito de identidade (SANTOS, 2002, 2006) e as implicações que o surgimento de tais tipos de equipamentos urbanos no perímetro geográfico do Alto do Moura trazem, não somente em termos espaciais mas também relacionais, é possível apontar que este modo de se relacionar característico, inerente ao pertencimento a um lugar e a um grupo (SANTOS, 2002) é tensionado no curso de um processo de urbanização como esse. Indo além da materialidade desse território específico, com Santos (2006) é possível observar que sua existência como espaço social local está em transformação acelerada pelo fluxo significativo de pessoas externas (diferentes de outras desejadas, transitórias ou interessadas em artesanato, como os turistas) ao agrupamento comunitário. Somam-se a isso as mudanças na condição e nos modos de se relacionar intracomunitários e com outros públicos (conforme tratado no item 4.2).

Como efeitos dessas transformações, aqui podem ser destacados dois aspectos tensionadores do público pesquisado, um primeiro vinculado à condição de classe e ao modo como são observados os beneficiários do programa Minha Casa Minha Vida, por exemplo, e um segundo bastante recorrente nos depoimentos dos pesquisados que relacionam o volume significativo de ocorrências criminais com esse *boom* imobiliário.

A *insegurança pública* é um sentimento partilhado e uma constatação objetiva, tanto nos conjuntos habitacionais quanto no núcleo central do Alto do Moura: “é porque vem gente de todo tipo, boa e ruim, morar aqui” (ART). Para eles, esse tipo de crescimento é desordenado e impacta negativamente na comunidade, “o Alto do Moura vem crescendo e sendo engolido, não tem estrutura” (PRO). Aos olhos de muitos dos mais antigos, a vida era mais tranquila quando conheciam todos os que residiam na comunidade, ficando difícil se habituar com estranhos circulando com frequência.

O aumento da violência não prejudica apenas a qualidade de vida, mas também os negócios da comunidade, pois os moradores não se sentem seguros em seus estabelecimentos comerciais e oficinas, como ressalta um entrevistado: “vê hoje, o artesão tá com medo até de atender na sua loja, pode ser roubado né? Seis horas tem que fechar tudo, isso existia antigamente?” (ART). Também acreditam que tudo isso afasta o turista que fica assustado ao ver as notícias sobre a criminalidade no bairro. A este ponto, percebe-se como aspectos ligados à nova urbanidade interferem também em heranças disposicionais relativas às práticas nos negócios e ao convívio com a vizinhança. Voltando-se para a comunidade do Alto do Moura como objeto de análise, e debruçando-se sobre o uso do mesmo território enquanto alvo do fenômeno de urbanização, as mudanças pelas quais vem passando o bairro podem ser caracterizadas tanto nos termos de sua fisionomia, fisiologia, estrutura, aparências, quanto em suas relações (SANTOS, 2006).

Assim, a comunidade vem se diferenciando daquela que se constituiu inicialmente a partir dos vínculos familiares entre os moradores, cujo distanciamento geográfico em relação ao núcleo urbano do município possibilitou uma atmosfera associada ao universo rural, um modo de convívio e hábitos culturais bem definidos, ou seja, a partilha de um senso de identidade e pertencimento (SANTOS, 2002).

Além da tensão referente à privação do espaço público, adiciona-se o sentimento de estranhamento perante um lugar que outrora parecia familiar: “minha esposa foi pegar um ônibus, olhou e não viu uma pessoa conhecida aí disse: ‘oxê, mas será que tô no ônibus certo?’” (ART). Em contrapartida, alguns acreditam que a vinda de novas pessoas é um avanço e pode contribuir com o desenvolvimento dos negócios da comunidade, “porque aí gira mais gente e aumenta o fluxo de dinheiro... quanto mais engajado com eles, melhor para o meu comércio” (PRO) ou “é o desenvolvimento que chegou aqui, né” (ART). Um fato curioso nesse sentido é a ponderação que a maioria demonstra ao se expressar de modo paradoxal em termos como: “é aquela coisa, a gente tem que se dá bem com todo mundo, mas nem todo mundo você conhece” (PRO).

A objetividade dos números de assaltos e afins aos estabelecimentos comerciais e moradores se mistura com o modo como questões de distinção social se reconfiguram no Alto do Moura do século 21. O estranhamento ao perfil dos novos transeuntes do bairro pode até ser censurado, relativizado ou mesmo velado nas falas dos nossos entrevistados, mas a tensão social para além do medo da criminalidade se mostra evidente. A insegurança objetiva oferece a justificativa para as novas classificações sociais praticadas num cotidiano progressivamente também ocupado por estranhos, em particular quando esses são portadores de *habitus* distinto do mais recorrente numa comunidade artesã e daqueles com os quais seus membros anseiam interagir.

Aqui se tem clareza de que o “*habitus* não é necessariamente coerente e unificado mas revela graus variados de integração e tensão dependendo da compatibilidade e do caráter das situações sociais” (WACQUANT, 2017, p. 215), pode-se dizer que as tensões relacionadas aos conjuntos habitacionais mais recentes e aos seus novos moradores e moradoras de baixa renda se mostram permeadas por um misto de preconceito de classe, associação objetiva de ocorrências criminais e insegurança social. Ou seja, seriam tais elementos os “gatilhos externos” (WACQUANT, 2017, p. 216) que estariam provocando transformações, tanto no espaço social local quanto no modo de interagir comunitário-artesão.

#### Mudanças no padrão de relacionamento

As mudanças relativas à transformação da paisagem se refletem em impactos sobretudo na dinâmica de relacionamento entre os moradores mais antigos. Porém, para a compreensão de tais mudanças, nos parece importante ressaltar, como ponto de partida, o olhar interno e externo sobre a imagem do bairro e os aspectos simbólicos a ela vinculados, antes e depois das principais transformações urbanas pelas quais vem passando a paisagem do Alto Moura.

Pela perspectiva externa, o *olhar romantizado de turistas e frequentadores do local*, semelhante às conotações que tendem a aproximar o contexto artesão de um modo de vida supostamente mais associado à ideia de “tradicional” do que de “moderno” (ARAÚJO, 2006) apontava, no imaginário popular, para uma ideia particular sobre a forma como os moradores se relacionavam entre si. Tal visão chega a ponto de vê-los como se constituíssem uma grande família, admirada pelo modo como se respeitavam e “abraçavam” pessoas de fora que chegavam a sua convivência, sobretudo por volta dos anos 1980:

Eu percebia a forma de interação entre eles, a forma de relacionamento deles não era nem de compadrio, era de família mesmo. Eu chegava no Alto do Moura às vezes com hora marcada para voltar e eu não conseguia, porque o clima era tão fraterno, era um clima que eu não encontrava na cidade né, e é como se eu me teletransportasse de fato (FOR).

Manuel Vitalino, filho do Mestre, falou que a união no Alto do Moura foi uma herança do seu pai e que, quando precisava, levava fregueses na casa dos colegas, assim como fazia com ele (COIMBRA; MARTINS; DUARTE, 2010). A fala de um dos formadores de opinião retrata bem essa visão de união e respeito entre as famílias:

ali se tem a história, laços de famílias interligados, é impressionante a imbricação de parentesco, isso é um dado muito forte, todo mundo é compadre de todo mundo e todo mundo é parente de todo mundo, chega lá não pode falar mal de ninguém que você pode tá falando com o tio da outra (FOR).

Curiosamente, ainda hoje tal visão romântica também emana da própria comunidade, assim como retrata uma das entrevistadas que se mudou para o Alto do Moura para abrir seu negócio: “eu amo o Alto do Moura, é aconchegante, aqui se adoecer um, todos se juntam, vende alguma coisa de casa ou faz um bingo e ajuda, eles são assim, muito acolhedores” (PRO).

Com a virada do século e o aumento do fluxo de pessoas para morar no bairro e trabalhar com artesanato, aqueles laços tão evidentes e admirados pelo olhar romântico (tanto externo quanto interno) passaram a se modificar. Nesse sentido, os principais aspectos apresentados pelos entrevistados ou entrevistadas foram a falta de união entre as pessoas de convívio próximo, as “tensões silenciadas” entre as famílias, bem como o impacto dessa mudança de comportamento na vida comunitária: “aonde você procurar, nos quatro cantos do Alto do Moura, não tem união” (ART).

É fato que o lugar apresenta características sócio-históricas e culturais próprias. É ainda costume aludir a uma atmosfera diferenciada, muitas vezes ligada aos aspectos simbólicos associados ao ofício comunitário da atividade artesã, aos núcleos familiares tradicionais (ROCHA, 2014) ou ao vínculo da atividade ao contexto sociocultural local. No entanto a tensão que aqui se busca descrever pode ser bem ilustrada a partir do seguinte depoimento: “eu não tenho mais o Alto do Moura de antigamente, eu tenho ele como um bairro comum, não tem mais aquela essência. Aqui era uma comunidade, era o bairro dos artistas, o bairro de Mestre Vitalino, e hoje não” (ART).

Adicionalmente, a *mudança de rotina diante das novas ocupações e dinâmicas de trabalho* que vêm surgindo no bairro, bem como o acesso ampliado ao ensino técnico e universitário na cidade também têm contribuído para modificar o modo de vida da comunidade. Muitos moradores passaram a integrar o quadro de empresas no Distrito Industrial e no centro da cidade. Jovens universitários, descendentes de artesãos, questionam-se sobre a viabilidade de seguir ou não no artesanato.

O confronto íntimo e coletivo com as práticas e dinâmicas associadas a outros contextos (como o acadêmico/urbano/industrial) passa a se fazer presente entre os membros das famílias originariamente artesãs. O que se aprende e se incorpora quando se passa a frequentar outros meios flui para o seio da comunidade por meio dos seus membros – que dela se deslocam

diariamente rumo às ocupações disponíveis alhures e às possibilidades abertas por caminhos como, por exemplo, a obtenção de um diploma universitário. As diferentes disposições incorporadas em processos como esse (BOURDIEU, 2007) são refletidas em questões de convívio como o tempo e o modo como se escuta (ou não) os mais velhos, bem como que tipo de assunto desperta o interesse das gerações atuais e futuras.

Conforme já tratado anteriormente, os fatores referentes à paisagem e à infraestrutura urbana imputam um caráter mais objetivo a tais mudanças que os fatores relativos à imagem associada à dinâmica do artesanato. Como apontado por um entrevistado, quando a prefeitura asfaltou toda a rua principal, os carros passaram a andar em alta velocidade e, por esse motivo, muitas mães não deixam mais que as crianças brinquem na rua. Muito mais do que a qualidade objetiva do piso da via, o asfalto sobreposto ao antigo paralelepípedo simboliza mudanças no contexto que geram novas demandas disposicionais aos membros da comunidade, aqui, em particular, no uso partilhado do espaço público pelas crianças. O “Alto do Moura de antigamente” é uma referência que carrega um tanto de tristeza e melancolia pela percepção do declínio das condições de vida que diferenciavam o bairro e propiciaram, num passado não tão remoto, um modo de vida e relacionamento interno próprios partilhados entre seus moradores, mesmo que um tanto diverso da “visão romântica”.

Além disso, *o modo como recebem e se relacionam com novos moradores* é outra forma de divisão social que se manifesta no olhar para pessoas de fora que, mesmo antes desse *boom* imobiliário mais recente, estabeleceram morada no Alto do Moura. Por ser um bairro mais afastado do centro e considerado tranquilo, ao menos até alguns anos atrás, houve pessoas que optaram por morar nele em busca de uma melhor qualidade de vida ou de uma integração com o caráter e a aura artesanal que pairavam sobre o bairro. Mas, em muitos casos, isso não se deu sem tensionamentos, em particular com aqueles que ao chegar na localidade passaram a se dedicar à atividade artesanal e receberam a alcunha de “forasteiros”. Na visão de alguns dos(as) artesãos(as) forasteiros(as), há uma hierarquia silenciada na comunidade que não os permite serem valorizados(as) ou integrados(as) como deveriam. Uma entrevistada fala que tudo que aprendeu foi na prática, pois ninguém a ajudou ou ensinou nenhuma técnica, tendo enfrentado muitas dificuldades e pensado em desistir diversas vezes, “já teve gente que disse que não sabe o que é que eu vim fazer nesse lugar, aí me dá aquela tristeza” (ART).

Por outro lado, alguns dos comerciantes locais, movidos pelo desejo de maiores ganhos nos seus negócios, dizem receber bem os novos integrantes, “o bairro precisa crescer para misturar o pessoal mais antigo com os novos e criar um novo ar para o Alto do Moura, tirando aquela visão mais tradicional” (PRO). Num sentido contrário a essa perspectiva mais comercial, ouvimos em campo depoimentos que enfatizam o fato de que tal público, por não ser “nascido e criado” no Alto do Moura, estaria prejudicando a atividade por “não saber” fazer peças, e que trata o artesanato como qualquer negócio, excluindo seu valor simbólico como “arte”.

Além disso, reclama-se com recorrência que um dos principais problemas com a concorrência vem desses artesãos e artesãs “forasteiros(as)”. Na fala de um artesão de família tradicional: “50% da população do Alto do Moura já é de fora, quem vem morar aqui, aprende a fazer, vende de graça e toma o lugar de quem já é artesão” (ART). É possível dizer que tal depoimento, somado às considerações do anterior sobre um tipo de “arte” “original do Alto do Moura”, acrescenta a questão da territorialidade, relativa às condições de produção artesã, explícita na insatisfação desses depoentes.

Com relação a essa forma particular como se relacionam com pessoas de fora da comunidade, é válido demarcar três aspectos tensionadores contemporâneos. Primeiro, mesmo em se tratando de um público de origem social distinta do que veio habitar os conjuntos dedicados à faixa de “baixa renda”, a demarcação social entre os “filhos do Alto do Moura” e os forasteiros também emerge. Segundo, a reivindicação de “uma autoridade artesã local” que aplica os critérios – dos quais muitos acreditam ser portadores e guardiões – para a designação de quem tem competência ou não para o ofício, algo que pode ser subentendido na naturalização de um “bom gosto” supostamente herdado pelos nativos e que os permitiria tanto se diferenciar dos “forasteiros” (não possuidores de tal herança) quanto julgar a qualidade “artística” objetivada numa peça (BOURDIEU; DARBEL, 2016). Terceiro, a concorrência incorporada no âmbito do convívio social e que estigmatiza quem chega para também viver da atividade.

Por fim, além das tensões relacionais ora descritas, há muitas outras tensões silenciadas, que não emergem a um ponto crítico, mas, nem por isso, deixam de estar presentes no processo de transformação da dinâmica relacional e do espaço social do Alto do Moura. Conforme exposto nesse sentido, ainda hoje é possível ouvir depoimentos embebidos por uma “visão romântica” dos laços comunitários no Alto do Moura. Tal visão, quando comparada com a dinâmica de vida na comunidade neste século, pode ser entendida como uma dissonância daquela imagem consagrada do Alto do Moura, a partir de sua projeção ao cenário nacional que seguiu o sucesso do Mestre Vitalino.

Por um lado, os vínculos originais das famílias mais antigas parecem estar, em alguma medida, se afrouxando com o devir das novas gerações e com a chegada ao século 21, por outro, uma versão localizada da competição de mercado parece ganhar cada vez mais espaço nas ruas e por entre os membros da comunidade. Esses modos emergentes de se relacionar entre si estariam tensionando as bases sobre as quais foi soerguido o padrão do passado. Essa difere da tensão anterior por seu caráter mais intrínseco, mas se relaciona àquela pela contemporaneidade e modo como está sendo incorporada por aquele corpo social.

### **Considerações finais e questões ao seguimento da pesquisa**

Nossa pretensão com este trabalho foi caracterizar as tensões disposicionais emergentes entre membros-proprietários(as) de negócios na comunidade artesã do Alto do Moura neste

século 21, partindo do pressuposto de que para compreender devidamente as condições de produção e a comercialização numa comunidade como tal seria necessário esboçar as principais mudanças referentes às dimensões espacial e social que possibilitam e constroem a atividade. Muito embora tais tensões já tivessem sido vislumbradas (e sua maioria registradas, mesmo que noutros termos), inicialmente, foi o entendimento de que, em um tecido social como esse, há uma relação íntima entre os(as) pesquisados(as), seus negócios e a comunidade – algo que nos apresenta desafios analíticos e compreensivos específicos – que praticamente nos obrigou a dedicar maior atenção a temas como insegurança pública, questões urbanísticas, modos de vida e de relacionamento social etc.

As noções de espaço social local em transformação e de tensões disposicionais emergentes podem ser tomadas como contribuições que ilustram os esforços de teorização empreendidos neste artigo. Procuramos realizar uma apropriação seletiva e promover uma ressignificação localizada de aspectos do legado da sociologia bourdieusiana e seu “uso aberto” (SANTORO, 2008), inspirados no modo como o próprio Bourdieu elaborou suas noções teóricas e construiu seus objetos.

Ao observarmos as transformações associadas ao processo de urbanização do Alto do Moura – que levam à sua conformação como bairro, mesmo que com suas especificidades, e não mais apenas um ponto turístico ou “santuário de artesanato” – nos parece que a comunidade atravessa passagem histórica da condição de um povoado ou vila artesã para a de um subúrbio periférico nordestino. Tal conjuntura coloca em xeque a discrepância entre o Alto do Moura do século 21 e o lugar que ele ocupou por décadas (e que ainda ocupa) no imaginário de Caruaru e até mesmo do Brasil. A própria identidade dos moradores locais parece se encontrar em crise diante de tudo isso.

Aos nossos olhos, além da reunião sistematizada e da síntese – por meio da elaboração do material empírico como tensões – do conjunto de informações e reflexões com as quais seguimos adiante neste percurso investigativo, um trabalho dessa natureza precisa colocar questões que tenham o potencial de oferecer-nos rumos e, ao fazê-lo, também potencialmente inspirar outros(as) pesquisadores(as) a pensar suas questões em temas e contextos que tangenciam, ou mesmo se aproximam, do que foi aqui tratado.

No que se refere às novas paisagens, vizinhanças e a insegurança comunitária, o que ainda seria necessário acessar para melhor compreender os desdobramentos mais marcantes desses temas junto ao público pesquisado? O que tem sido mais significativo aos posicionamentos dos(as) pesquisados(as) em questões como essas?

Acerca das *mudanças no padrão de relacionamento*, de que modo a concorrência, mais recentemente exacerbada, tem impactado nas relações sociais entre os membros da comunidade? Além disso, em que medida e em quais termos o fator “classe” pesa nessa “balança imaginária” da aceitação social?

Enfim, as tensões que por ora habitam o Alto do Moura não se esgotam em si mesmas, nem sequer se esgotam nele próprio. O que foi aqui analisado sugere que muito mais há para se refletir sobre o que se incorpora (individual e coletivamente) no processo que se dá entre o “moldar” e o “moldar-se” dos membros da comunidade, uma vez que tais tensões se mostram relacionadas a uma dinâmica mais complexa na qual o Alto do Moura também está inserido.

## Referências

- ARAÚJO, Danielli M. **João e Maria de Barro** - Quem São ? As Loiceiras do Tope, em Viçosa do Ceará. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- BARANGER, Denis. **Epistemología y metodología en la obra de Pierre Bourdieu**. Posadas : el autor, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção...** São Paulo : Edusp; Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **As Estruturas Sociais da Economia**, Lisboa : Instituto Piaget, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. *In* : BOURDIEU, P. (org.) **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 159-166.
- BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. Cambridge : Cambridge Univ. Press, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Portugal : Difel; Brasil : Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Campinas, SP : Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Social space and the genesis of appropriated physical space. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 42, n. 1, p. 106-114, 2018.
- BOURDIEU, Pierre ; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**. Porto Alegre: Zouk, 2016.
- BOURDIEU, Pierre ; WACQUANT, Loïc. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Programa do artesanato brasileiro**. Brasília, DF, 2013.
- CHAMBOREDON, Jean-Claude ; LEMAIRE, Madeleine. Proximidade espacial e distância social. Os grandes conjuntos e sua população. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 38, p.107-145, 2015.
- COIMBRA, Silvia ; MARTINS, Flávia; DUARTE, Letícia. **O reinado da lua**. Recife : Caleidoscópio, 2010.
- LAFERTÉ, Gilles. Des études rurales à l'analyse des espaces sociaux localisés. **Sociologie**, v. 5, n. 4, p. 423-439, 2014.
- LAHIRE, Bernard. Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação. *In* : JUNQUEIRA, Lilia (org.). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife : Editora UFPE, 2010. p. 17-36.
- LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez. 2015.
- LIMA, Sandra F. **Invenção e tradição: um olhar plural sobre a arte figurativa do Alto do Moura**. 2001. 132 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2001.
- LORÊTO, Myrna S. **Políticas Públicas de Artesanato na Reprodução da Força de Trabalho dos Artesãos em Barro no Alto do Moura**. 2016. 251 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- MELLO, Paulino. **Vitalino, sem barro: o homem**. Fundação Assis Chateaubriand; Ministério da Cultura, 1995.
- PEREIRA, Virgílio. B. **Classes e culturas de classe das famílias portuenses**. Porto: Afrontamento, 2005.

- 
- PEREIRA, Virgílio. B. Urban distinctions : class, culture and sociability in Porto. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 42, n. 1, p. 126-137, 2018.
- RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social** : métodos e técnicas. São Paulo : Atlas, 1989.
- ROBBINS, Derek. **Bourdieu and culture**. Londres : Sage, 2000.
- ROCHA, Darllan. **“A arte é para todos”** : patrimônio cultural, tradição de conhecimento, processos sociotécnicos e organização social do trabalho entre os artesãos do Alto do Moura. 2014. 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- SANTORO, Marco. Putting Bourdieu in the Global Field. **Sociologica**, Bologna, Bologna, v. 2, p. 1-33, 2008.
- SANTOS, Milton. **O Brasil** : território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro : Record, 2002.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2006.
- SAVAGE, Mike. The lost urban sociology of Pierre Bourdieu. *In* : BRIDGE, Gary ; WATSON, Sophie. (ed.), **The new Blackwell companion to the city**. Malden, MA : WileyBlackwell, 2011. p. 511-520.
- WACQUANT, Loïc. Seguindo Bourdieu no campo. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, p. 13-29, jun. 2006.
- WACQUANT, Loïc. Habitus. *In*: CATANI, A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017. p. 213-217.
- WACQUANT, Loïc. Bourdieu comes to town. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 42, n. 1, p. 90-105, 2018.

Recebido em 16/03/2020

Aceito em 30/09/2020